

O SER HUMANO E A NATUREZA: UM ENSAIO BÍBLICO-TEOLÓGICO-ONTOLÓGICO

Rodrigo Penna-Firme¹

Resumo: O presente ensaio é um exercício teórico e exegético que busca analisar a relação dos seres humanos com a natureza de um ponto de vista bíblico-teológico-ontológico. Uma inspeção cuidadosa da bíblica revela que nela existem as bases filosóficas e morais necessárias para que a humanidade use a natureza de forma sábia, sem que, para tal, seja necessário eliminar o excepcionalismo humano. Em vez de ser justificativa para degradar o mundo natural, a teologia cristã oferece um conjunto de princípios e valores para orientar as relações entre os seres humanos e a natureza.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Bíblia; Ser Humano; Natureza.

HUMAN BEINGS AND NATURE: A BIBLICAL- THEOLOGICAL-ONTOLOGICAL ESSAY

Abstract: The present essay is a theoretical and exegetical exercise that seeks to analyze the relationship between humans and nature from a biblical-theological-ontological viewpoint. A careful inspection of the Bible reveals that it has both the philosophical and the moral foundations necessary for humanity to use nature wisely, without being necessary to eliminate the idea of human exceptionalism. Instead of being a justification for degrading the natural world, Christian theology offers principles and values to guide the relationships between humanity and nature.

Keywords: Environment; Bible; Human beings; Nature.

Editor Científico: **Eduardo Cavalcante Oliveira Santos**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido: 10/02/2022
Aprovado: 27/04/2022

Como citar: PENNA-FIRME, R. O Ser Humano e a Natureza: Um Ensaio Bíblico-Teológico-Ontológico. *Kerygma*, Engenheiro coelho (SP), v. 17, n. 1, p. e01581, 2022. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v17.n1.pe01581>

¹ Doutor em Antropologia pela Indiana University - IUB, Indiana, (Estados Unidos). Professor do programa de pós-graduação em Geografia, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro, (Brasil). E-mail: rodrigopennafirme@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8724-3747>



Desde a publicação em 1967, do artigo de Lynn White Jr. intitulado “As raízes históricas de nossa crise Ecológica”, na prestigiosa revista científica *Science*, o cristianismo tem recebido grandes críticas dentro do mundo acadêmico e na esfera da cultura popular (como consequência). A partir dessa época, proliferou um crescente número de publicações que fomentou o surgimento de um novo campo de investigação acadêmica e multidisciplinar denominado de *ecology and religion* (GRIM; TUCKER, 2014).

Mas quais foram as alegações e os motivos das inúmeras críticas ao cristianismo? De acordo com White Jr., a Bíblia embasou uma ética anti-ecológica, em especial no mundo ocidental. O autor culpou especialmente o cristianismo evangélico pelo esgotamento dos recursos naturais. Ele argumentou que acreditar que o planeta teria sido criado por um Deus para o domínio e utilização dos seres humanos acabou fornecendo a ideologia para a exploração irracional da natureza. Além disso, dizia que ao propagar a noção de que o mundo terminaria através de intervenção divina, tornaria as pessoas (cristãos e os influenciados pela cultura judaico-cristã), muito mais propensos à passividade frente aos problemas ambientais, que julgariam incontornáveis (WHITE JR., 1967).

White Jr., como muitos, acaba distorcendo as Escrituras, dando-lhes sua própria interpretação e propagando “fatos” que ainda carecem de evidências (PROCTOR; BERRY, 2005). A Bíblia, ensina, de fato, que o ser humano é o ápice da criação, o ator principal no palco chamado Terra. Também nos informa que este planeta, que inclui todas as almas viventes (animais), foi corrompido pelo pecado e suas consequências. A Bíblia afirma que toda a criação geme como em dores de parto e será redimida junto com os salvos – esses habitarão nos novos céus e na nova Terra. Entretanto, nada disso significa que os cristãos agem em conformidade com essas acusações².

Se a lógica de White Jr. estivesse refletida na realidade concreta: (1) Por que muitos cristãos estariam envolvidos em ações sociais? (2) Por que alguém deveria se preocupar com o sofrimento do seu vizinho (cristão ou não), visto que Deus irá criar novos céus e nova terra? (3) Por que algum cristão deveria aceitar qualquer ordenamento jurídico, ou mesmo, regras sobre ocupação de um dado território, uma vez que não pode haver domínio humano sobre nada? (4) Se o mandato da humanidade de exercer mordomia sobre a natureza for abdicado e/ou abolido, o que irá acontecer com a vida humana, com as cidades, com a produção de alimentos e assim por diante? Em essência, os erros

² Uma importante resposta a essas acusações pode ser encontrada em Steffen (1992, p. 63-80).



produzidos pela humanidade não são culpa de uma dada religião ou daquilo que essas pessoas acreditam, mas sim, de acordo com a perspectiva bíblica, decorrente do fato de que todos pecaram, e “não há nenhum justo, nenhum ser quer” (Rm 3:10). Portanto, a culpa da degradação ambiental ou de qualquer outro problema é dos indivíduos, ainda que muitas vezes coagidos por instituições e pressões culturais, que possuem livre-arbítrio para agir ou não de forma errada, sejam cristãos ou não.

Ao longo das últimas quatro décadas, as palavras de White Jr. provocaram inúmeras respostas de teólogos e acadêmicos de orientação cristã. A primeira, e mais conhecida, no mundo evangélico/protestante, foi apresentada em um pequeno livro escrito pelo teólogo Francis Schaeffer, em 1970, sob o título de *Pollution and the Death of Man* (SCHAEFFER, 1986). Vale ressaltar que autores não cristãos também demonstraram por meio da historiografia, que ao contrário do que White Jr. supunha, em certos contextos, como o norte-americano, foi exatamente o cristianismo que forneceu a base moral e filosófica para os esforços pioneiros de preservar a natureza – o que levou a criação do modelo de parques nacionais, hoje espalhado pelo mundo (STOLL, 2015).

Os pioneiros entendiam a mensagem bíblica central sobre o “meio ambiente”, como aos humanos sendo transferida a responsabilidade de administrar amorosamente a natureza criada por Deus. Outros estudos indicam, ao contrário do que tem sido propagado, que muitas práticas religiosas associadas a religiões orientais, assim como de grupos tribais ameríndios, tidas como “amigas da natureza”, podem, na realidade, afetar o meio ambiente de forma bastante negativa. Dentre os exemplos, está a prática de lançar cadáveres humanos inteiros, ou suas cinzas, dentro do rio Ganges, que é considerado sagrado pelos hindus (WEXLER, 2016).

E é sobre essas questões, que relacionam a Bíblia e a ecologia, que o presente ensaio se debruçará, notadamente baseando-se em evidências antropológicas, argumentos lógico-dedutivos e teologia bíblica protestante, que lançam luz sobre as relações sociedade-natureza.

Bases para se Pensar a Bíblia e a Ecologia

A Bíblia não foi escrita como um compêndio científico sobre questões socioambientais. Entretanto, creio que ela contenha ensinamentos, doutrinas, histórias e revelações suficientes para orientar quem nela crer a lidar com as atuais questões



ambientais e sociais. A Bíblia, por exemplo, mostra como o povo de Israel e outras nações agiram na tomada de decisões sobre o uso da terra, no trato de animais e assim por diante. Ela indica também quais princípios devem reger as relações saudáveis e justas entre os seres humanos e as demais criaturas. A razão disso é que Deus é o dono de todo o universo e o criou com seu poder eterno e incomensurável (Sl 8:3; 24; 50:10-11; 102:25; Jo 1:3).

As Escrituras fornecem explicação sobre nossas origens, o bem e o mal, e o destino de toda a criação. Colocado de outro modo, a Palavra de Deus fornece a cosmovisão completa sobre de onde viemos, como devemos viver, qual o significado da vida e para onde iremos após a morte física. Ao tomarmos conhecimento dos acontecimentos do passado – do agir de Deus na história da vida e do universo – e das promessas vindouras, passamos a compreender com clareza o lugar especial da humanidade na natureza/criação. Ao compreendermos o chamado dos seres humanos como mordomos da criação, para exercer domínio amoroso sobre toda criatura, somos tomados de compaixão pelos outros seres vivos, ainda que saibamos que animais e plantas não ocupem o mesmo lugar e função dos seres humanos na ordem e importância da criação para Deus.

O apóstolo Paulo enfatizou que “toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa para ministrar a verdade, para repreender o mal, para corrigir os erros e para ensinar a maneira certa de viver” (2Tm 3:16). Sabendo-se que não estamos sozinhos no planeta Terra – lar de milhões de outras criaturas –, pesa sobre nós a necessidade de encontrar a maneira correta de viver, que extrapola as relações humanas e inclui nosso relacionamento com a natureza. Ainda que a Bíblia seja centrada no projeto de Deus para a humanidade, ela também compartilha uma visão de mundo que fornece os princípios básicos da boa gestão do planeta Terra enquanto aqui estivermos. O texto bíblico declara que como ápice da criação divina, feita à imagem e semelhança do Criador, a humanidade é representante (ou embaixadora) de Deus entre todas as outras criaturas.

Dentre todas as criaturas, o ser humano é o único capacitado para nomear, classificar, manejar, recuperar, utilizar, alterar e se adaptar ao mais complexo e vasto conjunto de situações e condições naturais por meio da cultura, preenchidas por fé, razão e emoção. Somente o ser humano é capaz de atribuir valor intrínseco ou de uso ao mundo natural. Apenas a humanidade possui consciência de si mesma e, portanto, pode julgar e fazer escolhas – ou seja, ser livre. Além disso, nenhum ser vivo, além de nós, é



naturalmente inclinado a buscar por Deus. Assim, de acordo com a Bíblia, a humanidade ocupa um lugar único e especial na criação. Assim também ela estabelece a concepção correta sobre o que são as plantas e animais, mostrando os limites e possibilidades da ação humana sobre eles. É dentro desse escopo que sugerimos que as Escrituras apresentam uma ética ambiental que pode guiar a humanidade. E, como pilar central da cosmovisão, está a concepção de que a humanidade não é mero epifenômeno da natureza. Na verdade, somos o resultado da intenção e do propósito de um Deus amoroso. E precisamos ter claro que Ele não tolera – e julgará – todos os que destroem a natureza por ganância e vaidade. Mas também, Ele julgará aqueles que protegem a natureza por motivos impróprios e pecaminosos, tais como os que ao invés de adorar a Deus, colocam as coisas criadas como foco de adoração (Rm 1:21-31).

O Lugar Especial da Humanidade na Criação

De um ponto de vista teológico, podemos dizer que a natureza se constitui na revelação geral de Deus para a humanidade. Ao observá-la de maneira contemplativa e minuciosa, podemos perceber, em certa medida, o caráter do Criador: seu poder, sua glória, eternidade, beleza, santidade e bondade:

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis (Rm 1:20).

Entretanto, de acordo com as Escrituras, o projeto original de Deus para a criação foi drasticamente alterado para pior, em decorrência do surgimento do pecado e de sua acumulação:

Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora (Rm 8:19-22).

A origem do meio ambiente e do ser humano como seu guardião está narrada no relato de Gênesis 1 e 2. Outro aspecto, não menos relevante, é a hierarquia de valores



estabelecidos desde o princípio. No sexto dia da criação, após Deus declarar algumas vezes que tudo o que havia feito era bom, o Senhor cria o ser humano, e assevera que era muito bom: “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” (Gn 1:31). A partir dessa sutil distinção linguística, é estabelecida a primeira e mais relevante distinção ontológica das Escrituras. Os seres humanos, ainda que também sejam seres biológicos (almas viventes, ou *nephesh*, que, em hebraico, significa aquilo que respira), são também seres morais e espirituais. E isso porque foram feitos à imagem e semelhança de Deus. Portanto, segundo o Gênesis, os seres humanos são profundamente distintos de todas as outras criações de Deus.

É importante observar que mesmo do ponto de vista orgânico-biológico existem diferenças fundamentais entre ser humanos, plantas e animais. Ao trazer os animais à existência, tornando-os “almas viventes”, Deus ordena que a terra (*‘erets*, que, em hebraico, significa solo ou porção territorial) produzisse tais criaturas (Gn 1:11, 24). No entanto, o meio pelo qual Deus formou os animais não quer dizer que a terra (*‘erets*) seja uma divindade com poderes sobrenaturais, mas sim que Deus utilizou a terra para produzir vida. Ao formar o primeiro ser humano (Adão), o Senhor declara: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança” (Gn 1:26).

De acordo com a cosmovisão bíblica, portanto, dentre todas as criaturas, somente o ser humano foi criado à imagem de Deus. Adiciona-se que, na formação da humanidade, Deus usa o pó da terra (*aphar*, em hebraico) e não a terra em si (*‘erets*). O termo “pó da terra” significa cinzas, que corresponde a parte mais fértil do solo de qualquer região do planeta. No Antigo Testamento, o estabelecimento de regras para o descanso da terra, no sétimo ano de cultivo, tinha por objetivo recuperar o pó da terra, ou seja, a porção de nutrientes minerais ou cinzas (Êx 23:10-11; Lv 25:14-30). Até os dias de hoje, as cinzas são consideradas o melhor fertilizante natural para todo tipo de cultivo. O fato de o ser humano ter sido criado das cinzas indica o amor de Deus pela humanidade e também uma prescrição sobre o cuidado que a humanidade deve ter com a terra, no sentido de solo, onde crescem as plantas cultivadas ou não.

Gênesis 2:8 relata que o Senhor plantou um jardim no Éden, no lado do Oriente, e lá colocou o ser humano que acabara de formar – o mais valioso ser criado por Deus para habitar e cuidar do planeta Terra. A proposta era que Adão apenas cuidasse do jardim, do qual obteria todo seu sustento, sem muito esforço, como os animais, que são alimentados



por Deus, conforme Jesus mencionaria posteriormente: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt 6:26).

Entretanto, para que Adão, ainda que criatura especial, pudesse comer e beber sem que fosse necessário muito esforço, havia uma condição: não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. A Bíblia relata que após a desobediência e queda, não apenas o primeiro casal humano (e toda a humanidade) passou a sofrer consequências deletérias, mas toda a natureza físico-biológica (o meio ambiente) começou a passar por transformações profundas. Deus diz a Adão que a terra deixaria de ser facilmente manejável, o que tornaria a obtenção do sustento diário uma atividade permanentemente cansativa e difícil, uma verdadeira luta pelo “pão de cada dia”:

Espinhos e cardos também te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão até que te tornes à terra; porque dela foste tomado porquanto és pó e ao pó tornarás (Gn 3:18-19).

Visto que, para sobreviver, seria necessário o “suor do rosto”, dá-se início (mesmo que ainda em pequena escala) às primeiras alterações dos recursos naturais, por meio da caça e, notadamente, pela agricultura, que requer, dentre outras práticas, a derrubada de árvores. Dois pontos centrais emergem a partir dessa constatação. Primeiro, a condição de labuta pelo sustento não mudará até a criação de novos céus e nova terra. Em segundo lugar, mesmo colocando todo o esforço humano para retornar ao estado idílico original, isso não será possível humanamente. Desse último ponto, podemos interpretar que assim como a natureza passou a “gemer” como em dores de parto, esperando a redenção final (Rm 8:19-22), a função da humanidade, como administradores da criação, também foi afetada pelo pecado. Em outras palavras, por causa da entrada do pecado, perde-se a capacidade plena de exercer o cuidado do modo como Deus havia estabelecido.

Contudo, essa constatação, por si só, não sustenta a tese tão propalada de que o cristianismo é antropocêntrico e, portanto, anti-natureza. Ao contrário, o cristianismo tem uma fonte primária para o necessário bom manejo da vida na Terra. Os erros cometidos por muitos cristãos ao longo da história não são decorrentes do que a Bíblia ensina sobre o lugar da humanidade na natureza, mas das próprias limitações e falhas humanas, originadas do pecado. Contudo, se as orientações bíblicas forem seguidas, incluindo o cuidado com a criação, boas consequências socioecológicas se seguirão.



Uma outra questão crucial se impõe. Os efeitos do pecado trouxeram, dentre outras consequências, a necessidade de bastante cautela ao se confiar na razão humana, desconectada da revelação divina, como agente do bem para preservar de modo correto as outras criaturas da terra. O sábio adverte: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3:6). A condição humana pecaminosa nos impõe autoceticismo em relação a propostas “infalíveis” para soluções de problemas ecológicos (ou de qualquer outra natureza). Ou seja, a harmonia desejada entre humanidade-natureza somente pôde perdurar (de forma perfeita) enquanto o pecado não havia entrado na humanidade e na própria natureza (as outras criaturas e no mundo físico). Mesmo que permaneçamos como administradores da criação (e, de fato, ainda somos), imaginar o mundo como desejam alguns ambientalistas mais radicais e ecossocialistas é algo bem diferente do que se propõe a perspectiva bíblica. Isso não significa descaso com a criação, pelo contrário, é apenas preciso cautela para cumprir o mandato de administração a partir dessa perspectiva teocêntrica tal como encontrada em Gênesis.

Por exemplo, a ideia de restaurar o paraíso perdido foi a motivação principal dos primeiros movimentos e ações conservacionistas no mundo ocidental. Para ser mais exato, a criação dos primeiros parques nacionais do mundo, nos Estados Unidos da América, deriva desses ideais, uma tentativa humana de reestabelecer a harmonia perdida no Éden (STOLL, 2015). Se, por um lado, a criação de parques nacionais guardou espaços de natureza em bom estado de conservação, por outro, limitou o desenvolvimento de comunidades tradicionais e indígenas pelo mundo, em muitos casos, servindo como alibi para tomada de terras via expulsão de moradores locais. Isso reforça a argumentação anterior de que pode não ser possível a plenitude do bem, mesmo com a melhor das intenções. De acordo com a perspectiva bíblica, somente por meio da intervenção divina a totalidade do que se perdeu poderá ser restabelecida, com a formação de novos céus e nova Terra, onde não haverá mais sofrimento, muito menos “degradação ambiental”.

É preciso ressaltar que mesmo em face da impossibilidade de resgate da harmonia por meio de ações humanas, essa realidade não pode servir de empecilho para exercermos o mandato da administração tal como descrita em Gênesis. Ou seja, não há desculpa plausível para continuarmos seguindo formas de desenvolvimento que



desconsiderem os outros seres vivos e a natureza como um todo. O chamado bíblico é para usar e cuidar com sabedoria, de acordo com a mente de Cristo (1Co 2:16).

Ao pensarmos e agirmos sobre a criação, jamais podemos nos esquecer de que é ao Senhor que pertencem os céus, a terra e tudo que nela há (Sl 50:10-11). Sendo o dono, o Eterno ordenou que todas as criaturas se multiplicassem (Gn 1:22). Além disso, Deus afirma: “Eu fiz a terra, os seres humanos e os animais que nela estão, com o meu grande poder e com meu braço estendido, e Eu a dou a quem eu quiser” (Jr 27:5). Portanto, ordenou ao ser humano que dominasse todas as criaturas de maneira benevolente, refletindo o caráter do Criador: “Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo animal que se move sobre a terra” (Gn 1:28).

O ser humano, portanto, foi criado à imagem e semelhança de Deus, com o propósito de representá-lo na Terra, em meio a milhões de outras criaturas. A responsabilidade e o governo de toda a criação, sua boa utilização, manejo e preservação estão sob nossos ombros – apesar dos limites da nossa ação. Deus transferiu ao ser humano o direito de habitar, usar e cuidar da criação. Como humanidade, somos administradores da Terra – uma concessão dada por Deus. Portanto, cabe ao ser humano manejar, salgar e fertilizar a Terra, tanto material quanto espiritualmente.

Mesmo após a entrada do pecado no mundo, permanece o mandato de administração sobre toda criação. A mesma orientação geral proferida para Adão foi repetida a Noé e seus descendentes. Após o dilúvio, ao saírem da arca, Noé e sua família são abençoados e orientados a permanecerem debaixo dos princípios da administração e domínio (inseparáveis), pronunciado pela primeira vez na semana da criação:

Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. Será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo animal da terra e sobre toda as aves dos céus; tudo que se move sobre a terra e todos os peixes do mar na vossa mão serão entregues (Gn 9:1-2).

Cabe notar que a relação de Adão e Noé com o restante da criação eram distintas. Noé habitaria e manejaria uma natureza ainda mais profundamente alterada do que Adão, por causa das profundas e variadas consequências do dilúvio. A situação era bastante desafiadora. Por exemplo, após o tempo de convívio pacífico entre os animais e Noé enquanto estavam na arca, Deus colocaria medo instintivo dos seres humanos nos animais.



Mesmo cientes da inequívoca superioridade do valor da humanidade sobre outras criaturas, toda a criação é valiosa para Deus. No entanto, é preciso reafirmar que as Escrituras também declaram que a quem muito é dado, muito será cobrado (Lc 12:48). Deus não cobrará nada dos animais e das plantas sobre sua conduta irracional e instintiva. Cabe somente ao ser humano escolher o que lhe foi proposto (2Pd 2:12), que inclui o cuidado com os animais que estão sob seu domínio.

A Bíblia deixa claro que os animais são valiosos para Deus, e disso decorre a necessidade de cuidar deles com zelo. “O justo olha pela vida dos seus animais, mas as misericórdias dos ímpios são cruéis” (Pv 12:10).

Ao tratarem de temas sobre o meio ambiente, os recursos naturais ou a natureza (entendida como parcela do mundo que não depende do ser humano), os autores da Bíblia utilizaram uma série de vocábulos. Dentre esses estão palavras traduzidas do hebraico e do grego como: criaturas, criação, seres ou almas viventes, animais selvagens, animais, plantas, répteis e aves. No entanto, é extremamente relevante notar que o substantivo *natureza* (*fusis*) não aparece na tradução grega da Bíblia Hebraica. No Novo Testamento a palavra ocorre 14 vezes, espalhadas em 11 versículos (Rm 1:26; 2:24, 27; 11:21, 24; 1Co 11:14; Gl 2:15, 4:8; Ef 2:3; Tg 3:7; 2Pd 1:4; 2:12). A palavra ainda pode ocorrer (dependendo da versão bíblica), nas traduções do adjetivo *fusikos* (Rm 1:26, 27; 2Pe 2:12) e do advérbio *fusikōs* (Jd 10).

Nesses textos, a palavra natureza é empregada com diversos significados contextuais, por exemplo: (1) para se referir à essência do ser humano e da natureza pecaminosa; (2) a natureza santa, perfeita e imutável de Deus; (3) a natureza biológica do ser humano e de outros seres vivos (macho e fêmea); (4) a naturalidade (local de nascimento de alguém); e, por fim, (5) a natureza natural – aquilo que denominamos de natureza (seres vivos, plantas, animais, rios, lagos etc.). A ocorrência da palavra natureza, com semântica similar àquela empregada em debates e publicações acadêmicas sobre sustentabilidade, aparece apenas duas vezes em toda a Bíblia: “Porque toda a natureza, tanto de bestas feras como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se amansa e foi domada pela natureza humana” (Tg 3:7). “Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção” (2Pd 2:12).



Atualmente, o termo *natureza* também possui significados distintos, incluindo “seres fruto da evolução por processos naturais não direcionais e sem propósito”; “a parte do mundo – que o ser humano não deveria interferir”; “lugar de contemplação e sossego”; “espaço de turismo e recreação”; “templo e habitação de seres espirituais – animismos e outras crenças pagãs”; “fonte de recursos naturais para o desenvolvimento” e afins. Notemos que nenhum dos empregos da palavra natureza supracitados significa aquilo que o Criador pretendeu desde o princípio, ou seja, que nos levasse ao único significado plenamente verdadeiro: que toda a natureza é criação divina (*ex-nihilo*), fruto do caráter, amor e desejo de Deus, movido por contigência e não por necessidade.

A Natureza não é Sagrada

Apesar do enorme valor para Deus, a natureza não é sagrada – não pode ser objeto de adoração. Um importante exemplo bíblico é o do rei Salomão, que percorreu sobre diversos assuntos incluindo plantas e animais, de modo que atraiu a atenção de muitos povos e pessoas que vinham ouvir sua sabedoria (1Rs 4:33). Mas em outras partes da Bíblia também é evidente a sabedoria divina sobre o mundo natural. No Salmo 104, por exemplo, encontramos a base de uma doutrina “ecológica” bíblica – que é teocêntrica em sua essência -, não antropocêntrica, como supõe alguns. O salmista declara: “Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas” (Sl 104:24). O apóstolo Paulo em muitas passagens também nos impulsiona a reconhecer o poder supremo e a necessidade de adorar somente ao Criador: “Porque dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente” (Rm 11:36).

Mas é importante deixar claro que Jesus, através de sua expiação, não morreu por coisas, plantas ou animais, mas pelos seres humanos (Jo 16). As Escrituras ensinam que “Deus é espírito, e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). A Bíblia, por consequência, condena qualquer forma de adoração às criaturas, sendo todas elas consideradas idolatria. Isso fica claro, por exemplo, no evangelho de Lucas:



E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás (Lc 4:6-8).

Deduz-se a partir dessa e de outras passagens que nada (inclusive a natureza) pode ser adorado e idolatrado. Peter Jones (2007) nos alertou de que só existem duas opções: ou o universo criou a si mesmo ou ele foi criado. As consequências disso são, respectivamente, adorar a natureza/universo supostamente autocriado (uno); ou adorar o Criador da natureza (visão dual, bíblica, que separa o Criador das criaturas).

Em várias passagens do Antigo e do Novo Testamento somos lembrados do que Deus espera de nós e da nossa relação com criaturas não humanas. Os versículos seguintes também não deixam dúvida do lugar especial do ser humano na criação:

“até quando lamentará a terra, e se seará a erva de todo o campo? Pela maldade dos que habitam nela, perecem os animais e as aves” (Jr 12:4).

“A tua justiça é como as grandes montanhas; os teus juízos são um grande abismo. Senhor, Tu conservas os homens e os animais” (Sl 36:6).

“O justo tem consideração pela vida dos seus animais, mas as afeições dos ímpios são cruéis” (Pv 12:10).

“Observai as aves do céu: Não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai Celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais que as aves?” (Mt 6:26).

“Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos” (Mt 10:31).

Proposta de Base para a Discussões entre Ecologia e Teologia

Creio que a lista não exaustiva abaixo poderá nortear discussões e o ensino sobre as conexões entre o cuidado com a criação (aqui chamado de ecologia) e teologia cristã; uma vez que nela estão sintetizados alguns dos mais relevantes ensinamentos bíblicos sobre valores, princípios e doutrinas que devemos observar:

- Deus criou tudo que chamamos de natureza.
- Tudo que foi criado, a natureza humana e não humana, pertence a Deus. O pecado afetou a harmonia inicial, que somente será restaurada, de modo desconhecido do ser humano, na nova Terra.



- O equilíbrio que outrora existiu, inclusive de convivência pacífica entre seres humanos e animais, jamais poderá ser restabelecido por ações humanas.
- Deus colocou medo instintivo dos animais pelos seres humanos.
- À humanidade foi dado o direito de habitar, usufruir e o dever de cuidar da Terra, das plantas e dos animais. Isso se refere à administração e ao domínio amoroso da criação.
- O uso da natureza, ainda que quase irrestrito, precisa ser feito com sabedoria que evite danos irreparáveis, sofrimento animal e esgotamento da Terra.
- Os seres humanos que utilizam a Terra e toda a criação em desarmonia com as orientações divinas, segundo seus próprios interesses, serão julgados e eliminados.
- A ordem da criação, culminando na formação do primeiro casal humano, no sexto dia, indica o lugar central do ser humano na natureza.
- Diferentemente de rios, mares e montanhas, animais possuem sopro de vida, são almas viventes.
- Os seres humanos foram criados, tais como os animais, por Deus. Entretanto, apenas os humanos foram criados à imagem e semelhança do Criador.
- Jesus morreu pelos seres humanos; seu sacrifício não foi feito pelos animais, plantas ou entidades inanimadas da natureza.
- Jesus mostrou diversas vezes que a humanidade possui valor muito superior a qualquer outro ser vivo.
- Jesus demonstrou domínio sobre a natureza, ao acalmar o mar e ao multiplicar peixes.
- Jesus nunca alterou o bom estado físico e mental de seres humanos para outro pior, mas sempre fez o contrário. Um homem com mãos ressequidas foi curado; no entanto, uma árvore (figueira) sem deformidades (mas infrutífera) foi por Ele ressecada de forma real, para simbolizar o destino daquele que, por não estar em Cristo, não frutifica.
- Com exceção da provação de Abraão, chamado ao sacrifício de Isaque (que não ocorreu), e do autossacrifício de Jesus, Deus jamais pediu ou aceitou sacrifício humano. Entretanto, nos séculos transcorridos durante o Antigo Testamento animais puros e perfeitos eram constantemente sacrificados, apontando para o posterior sacrifício de Jesus.
- A Bíblia raramente usa a palavra natureza. Ao se referir aos seres vivos, mares, rochas e rio, geralmente, em seu conjunto, são chamados de criação (*ktisis*).



- Deus não é e nem está na natureza. Ele criou tudo a partir nada (*ex nihilo*) e está fora da natureza, a qual está sob seu controle. Panteísmo é antibíblico.
- Agindo sob o princípio de cuidado e mordomia cristã, não há motivos para preocupação excessiva com o presente ou futuro. Deus sempre proverá o necessário para sobreviver àqueles que nele confiam.
- Sustentabilidade, no que tange à ansiedade com o futuro e dependência de agendas e ações humanas para a sobrevivência humana e da Terra, não têm respaldo bíblico.
- O pecado pode levar o ser humano a agir de forma errada em relação ao mundo criado por Deus. Pode usurpar, ultrapassar e não cumprir obrigações de cuidado e mordomia cristã, agindo, portanto, contra a vontade de Deus.
- A Bíblia não dá suporte ao animismo. Animais, plantas, rochas e rios não são seres espirituais ou morais; não possuem livre-arbítrio e autoconsciência.
- Grande parte dos animais sente dor física. São sencientes, e precisamos evitar seu sofrimento e maus tratos.
- Não há base bíblica para atribuir direitos à natureza, ela não possui direitos intrínsecos e universais como os seres humanos. Todo direito é atribuição conferida aos seres humanos. E mesmo advindo de revelação, todo direito, inato ou não, é mediado pela consciência e ação humanas. Disso decorre que sem os seres humanos não há sequer a possibilidade de pensar em direitos. Num mundo sem humanos não haveria direito algum.
- O planeta Terra não é um organismo vivo, mas apenas contém organismos que têm vida. E todos eles foram criados por Deus.
- A natureza não pode ser adorada, venerada ou cultuada, pois não é sagrada. Ela é produto das mãos do Criador; manifesta seu poder e glória, mas não é parte do Criador. Somente se pode profanar aquilo que é sagrado, separado por Deus para santidade ou para levar as pessoas à santidade.
- A natureza reflete a glória de Deus, sua beleza, perfeição e majestade. Isso em si já deveria ser motivo suficiente para guardarmos e usarmos com toda sabedoria.
- Ao término de cada passo da criação Deus viu que era bom, mas tudo o que foi feito era belo. Deste modo, tudo que foi feito belo teve também a intenção de apontar para aquilo que é bom.
- A queda pelo pecado alterou padrões até mesmo de comportamento entre animais, assim como destes para com os seres humanos.



- Ao observar a natureza percebemos que as atitudes humanas não podem ser baseadas na vida animal e vegetal. A natureza, em si mesma, nada nos ensina sobre moralidade. As leis morais são atributos de Deus colocados somente no 'coração' dos seres humanos, que apesar do pecado, são representantes de Deus na Terra.

Considerações Finais

Neste ensaio visitamos alguns dos principais ensinamentos que a Bíblia apresenta sobre a relação de Deus com a humanidade e toda a sua criação. Uma inspeção cuidadosa da Bíblia mostra que o cristianismo fornece bases filosóficas e morais para que a humanidade use a natureza de forma sábia, sem que, para tal, seja necessário eliminar o excepcionalismo humano e sua primazia na criação. Em vez de ser justificativa para degradar o mundo natural, a Bíblia oferece uma excelente alternativa moral e um enorme conjunto de princípios e valores para orientar relações positivas entre a sociedade e a natureza. Notamos também que as acusações de Lynn White Jr. são infundadas, ao menos do ponto de vista do que a Bíblia relata sobre as relações homem-natureza.

Nesse contexto, é bastante relevante terminar esse ensaio lembrando a mensagem central de Pascal Bernardin, há cerca de duas décadas, com a publicação de *O império ecológico*. Bernardin (2015) afirmou que a ecologia seria a nova religião do mundo místico e secular. Para o autor, a ecologia (ambientalismo) forneceria um princípio central e unificador em torno do qual a sociedade mundial iria se construir e redefinir. Esse princípio, para funcionar, evitaria conflitos de sensibilidade religiosa ou filosófica, fazendo surgir um sincretismo como base de uma religião mundial, que inclui a modificação do conceito de Deus, da humanidade e do mundo. Para a implantação desse ideal seria necessário o colapso da concepção cristã de que o ser humano foi criado por Deus e colocado no centro da criação.

De forma muito similar aos que Lynn White Jr. esperava (a substituição ou modificação total do cristianismo), Pacal Bernardin argumentou que o progresso desse 'novo mundo' (distópico, mas que caminha para se tornar real) precisaria adotar uma perspectiva holística, que nos rebaixa a um produto da evolução que deu errado. Seres vivos não humanos e as entidades não vivas (como rochas, rios e mares) seriam sacralizados, sem referência ao Criador. A ecologia, por fim, seria subvertida e veiculada



numa concepção pagã e revolucionária. O ser humano como indivíduo seria apagado diante dos imperativos da “gestão sustentável” do planeta. Creio que para que humanidade escape daquilo que foi conjecturado por Pacal Bernardin, e desejado por Lynn White Jr. é preciso buscar e viver o ambientalismo cristão verdadeiro, parcialmente descrito nesse ensaio, que deve ser bíblico e teocêntrico.

Referências

- BERNARDIN, P. **O império ecológico**: a subversão da ecologia pelo globalismo. Campinas: Vide Editorial, 2015.
- GRIM, J.; TUCKER, E. **Ecology and religion**. Londres: Island Press, 2014.
- JOERSTAD, M. **The Hebrew Bible and environmental ethics**: humans, nonhumans, and the living landscape. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- JONES, P. **Verdade do evangelho x mentiras pagãs**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- PROCTOR, J. D.; BERRY, E. Social science on religion and nature. In: in TAYLOR, B. (Ed.). **Encyclopedia of religion and nature**. Londres; Nova York: Thoemmes Continuum, 2005.
- SCHAEFFER, F. A. **Poluição e a morte do homem**: uma perspectiva cristã da ecologia. São Paulo: Cultura Cristã, 1986.
- STEFFEN, L. H. In defense of dominion. **Environmental Ethics**, v. 14, p. 63-80, 1992.
- STOLL, R. M. **Inherit the holy mountain**: religion and the rise of American environmentalism. Nova York: Oxford University Press, 2015.
- TAYLOR, B. (ed.) **Encyclopedia of religion and nature**. Londres; Nova York: Continuum, 2005.
- WEXLER, J. **When God isn't green**: a worldwide journey to places where religious practice and environmentalism collide. Boston: Beacon Press, 2016.
- WHITE JR., L. The historic roots of our ecologic crisis. **Science**, v. 155, p. 1203-1207, mar. 1967.